

**Rumo à “Segunda Etapa” da Pastoral Missionária Colaborativa
na Diocese de Kyoto (2001–2026)
— Da “Pastoral Missionária Colaborativa” para uma “Igreja Sinodal” —**

✝ Paulo Yoshinao Otsuka

Introdução

Desde a década de 1990, a Diocese de Kyoto vem introduzindo gradualmente a Pastoral Missionária Colaborativa. Em 2001, na carta pastoral de Ano Novo intitulada “Pensando no futuro da Diocese de Kyoto — O que a Pastoral Missionária Colaborativa busca”, esse caminho foi apresentado de forma clara. Ao longo dos últimos vinte e cinco anos, a Diocese de Kyoto continuou a caminhar nessa direção.

Ao olharmos agora para esses vinte e cinco anos, duas tarefas se impõem. A primeira é discernir como devemos avaliar a Pastoral Missionária Colaborativa. A segunda é encarar honestamente os desafios missionários que se tornaram evidentes na Diocese de Kyoto ao longo dessa caminhada e, a partir disso, esclarecer a direção de sua segunda etapa.

I. Avaliação da Pastoral Missionária Colaborativa

— Como devemos compreender estes vinte e cinco anos? —

1. Uma escolha visionária, não apenas uma resposta à falta de sacerdotes

A Pastoral Missionária Colaborativa em Kyoto começou em um contexto de diminuição do número de sacerdotes. Contudo, não foi simplesmente uma resposta a essa escassez. Antes, foi uma forma de repensar a própria natureza da Igreja. Não se tratava de uma medida emergencial para manter a vida eclesial, mas de uma escolha proativa e visionária para renovar a Igreja em favor da evangelização.

2. Uma renovação da eclesiologia para além da reforma institucional

A grande importância da Pastoral Missionária Colaborativa não está apenas na revisão das estruturas e funções da Igreja, mas em repensar a própria compreensão da fé e da Igreja. Ela buscou aprofundar a compreensão da Igreja: de “uma Igreja onde os sacerdotes conduzem e os leigos apenas apoiam” para “uma Igreja onde sacerdotes, religiosos e leigos compartilham juntos a missão da evangelização”. Não se tratou simplesmente de uma mudança estrutural, mas de uma renovação da eclesiologia e de um chamado a uma consciência mais profunda da fé e ao crescimento espiritual.

3. Da dependência das capacidades individuais para um serviço que sustenta a comunidade

A Pastoral Missionária Colaborativa não procurou enfraquecer a autoridade sacerdotal. Pelo contrário, procurou esclarecer mais plenamente o sacerdócio como serviço. Um de seus frutos importantes foi a passagem de um modelo em que toda a comunidade depende da capacidade ou do julgamento de um único sacerdote para uma Igreja em que sacerdotes, religiosos e leigos caminham juntos no discernimento.

O papel do sacerdote passou a ser compreendido não como “aquele que carrega tudo sozinho”, mas como “aquele que, juntamente com outros ministérios, sustenta a comunidade eclesial para que ela caminhe segundo o Evangelho”.

4. Discernimento partilhado, não apenas atividades partilhadas

Um ponto importante da Pastoral Missionária Colaborativa é que ela colocou o centro da comunhão não simplesmente na partilha de atividades, mas na partilha do discernimento. Missas conjuntas e atividades em comum são sinais importantes de comunhão, mas não são o objetivo final.

O objetivo era que sacerdotes, religiosos e leigos rezassem juntos, escutassem juntos a Palavra de Deus, discernissem juntos o caminho que a Igreja deve seguir e compartilhassem juntos a responsabilidade. Essa compreensão está profundamente ligada ao que hoje é enfatizado como essência da Igreja sinodal: o Povo de Deus caminhando unido sob a guia do Espírito Santo.

5. Uma visão mais ampla para além da própria paróquia

A Pastoral Missionária Colaborativa levou-nos a superar uma visão limitada ao “minha paróquia”. Ela ajudou-nos a olhar a Igreja a partir de uma perspectiva mais ampla, do bloco pastoral e da diocese inteira, ultrapassando inclusive a distinção entre sacerdotes diocesanos e religiosos.

Esse foi um passo importante para compreender a Diocese de Kyoto como uma comunhão maior e para cultivar um espírito de apoio mútuo e de caminhada compartilhada.

II. Desafios missionários enfrentados pela Diocese de Kyoto

— O que nos é pedido ao avançarmos para a segunda etapa? —

A direção fundamental da Pastoral Missionária Colaborativa estava correta. Contudo, ao longo destes vinte e cinco anos, a situação que cerca a Igreja mudou profundamente. A diminuição do número de sacerdotes, o envelhecimento dos fiéis e o aumento dos católicos estrangeiros tornaram mais visíveis os desafios missionários da Diocese de Kyoto.

Para avançarmos para a segunda etapa, precisamos acolher honestamente essas questões como parte de nossa caminhada.

1. Maturidade na cultura e na espiritualidade da Igreja, para além das estruturas

A segunda etapa significa passar de uma fase centrada na construção de sistemas e estruturas para uma fase em que a Pastoral Missionária Colaborativa amadureça como cultura e espiritualidade da Igreja.

O objetivo não é criar um modelo perfeito e definitivo. A Pastoral Missionária Colaborativa não é um sistema que termina quando sua estrutura está pronta. Trata-se de um caminho contínuo de uma Igreja viva no Evangelho, uma Igreja que continua perguntando, rezando e escutando.

Por isso, a segunda etapa não consiste tanto em acrescentar novas estruturas, mas em permitir que aquilo que já recebemos crie raízes mais profundas na vida cotidiana da Igreja.

2. Compartilhar o propósito e a direção da missão

Nos blocos pastorais e paróquias da Diocese de Kyoto, muitas atividades e esforços continuam sendo realizados com sinceridade. Isso é importante. Porém, existe também o risco de simplesmente repetir o que foi feito no ano anterior, sem compartilhar claramente o que buscamos e para quem estamos fazendo isso.

O que agora se faz necessário não é aumentar as atividades, mas discernir e compartilhar com maior clareza o propósito e a direção da missão em toda a diocese. Somente quando o objetivo é compartilhado é que as atividades podem tornar-se verdadeiros meios de evangelização.

3. Da centralidade administrativa para a centralidade missionária

Uma boa administração financeira e o bom funcionamento dos eventos são importantes para manter a comunidade. Contudo, se isso se torna tudo, a própria administração passa a ser o objetivo, e a Igreja fecha-se sobre si mesma.

A Igreja não é simplesmente uma organização que funciona de maneira ordenada. Ela é uma comunidade confiada à missão de anunciar o Evangelho. Portanto, toda administração eclesial deve ser constantemente examinada sob a perspectiva da missão. O que importa é saber se ela realmente serve à evangelização e produz frutos missionários.

Isso também se aplica às reuniões. As reuniões de bloco e os conselhos paroquiais não devem ser apenas lugares de relatórios, coordenação e aprovação. Devem tornar-se lugares onde se olha juntos para a realidade, se discerne em oração a guia do Espírito Santo e se busca conjuntamente a direção que a Igreja deve tomar. Dessa forma, as reuniões devem amadurecer de simples “lugares de processamento” para autênticos “lugares de discernimento partilhado”, fundamentados no Evangelho e na espiritualidade.

4. Construir estruturas onde os líderes possam crescer

Hoje, em muitas paróquias, as responsabilidades concentram-se nas mãos de um número limitado de pessoas, e as funções de liderança acabam se tornando fixas e envelhecidas.

Se isso continuar, um sistema baseado principalmente na boa vontade e na generosidade acabará se esgotando gradualmente, enfraquecendo tanto a vida da Igreja quanto a expansão da missão.

Por isso, o necessário não é apenas encontrar pessoas para cada tarefa, mas construir estruturas onde novos líderes possam crescer.

Para isso, precisamos valorizar mais os encontros de formação para os membros dos conselhos paroquiais e promover a formação dos leigos de maneira mais intencional e contínua. É importante esclarecer os períodos de serviço, definir responsabilidades e preparar bons sistemas de sucessão.

Também é importante acolher formas breves e parciais de colaboração como participações significativas, criando uma atmosfera em que os recém-chegados possam participar com maior facilidade.

5. Viver a realidade do “pequeno rebanho” como força missionária

É um fato que a Igreja está diminuindo em número devido à redução dos fiéis e ao envelhecimento das comunidades. Contudo, nosso objetivo não deve ser simplesmente recuperar o tamanho que tínhamos no passado.

Antes, devemos acolher essa realidade como um chamado para que a Igreja dependa menos dos números e da dimensão externa e viva mais profundamente o Evangelho e uma comunhão mais autêntica.

Dentro da realidade de sermos um pequeno rebanho, somos chamados a aprofundar a fé de cada pessoa, fortalecer nossos vínculos mútuos e transformar esse modo de vida em força de testemunho e missão.

6. Formar uma Igreja onde todas as gerações possam permanecer

Com a diminuição da natalidade, crianças e jovens afastam-se da Igreja com maior facilidade. Ao mesmo tempo, adultos entre os trinta e cinquenta anos, sobrecarregados pelas responsabilidades do trabalho e da família, muitas vezes têm dificuldade em participar plenamente da vida eclesial.

O que agora se faz necessário é construir uma comunidade onde todas as gerações — das crianças aos idosos — sejam acolhidas, cresçam através dos relacionamentos e possam reunir-se em paz.

O importante não é simplesmente aumentar os programas. A verdadeira questão é saber se a própria Igreja é um lugar onde qualquer pessoa pode sentir-se em casa e para onde até mesmo aqueles que um dia se afastaram possam voltar.

Para isso, precisamos criar formas mais flexíveis de participação para crianças, jovens e famílias. Também precisamos criar oportunidades de encontro e apoio mútuo entre diferentes gerações, para que todos sejam acolhidos como membros da Igreja e possam assumir algum papel dentro dela.

. De “estar juntos” para “construir juntos a Igreja”

A participação dos católicos estrangeiros é uma grande bênção para a Diocese de Kyoto. Hoje é impossível pensar a comunidade eclesial sem eles. Em muitos lugares, já se desenvolveu de forma constante uma vida comum de oração, serviço e convivência fraterna.

Justamente por isso, o próximo passo não é permanecer apenas no nível de “estar juntos” ou “participar”. Precisamos aprofundar essa relação para que pensemos juntos, discernamos juntos, compartilhemos juntos a responsabilidade e construamos juntos a Igreja.

Isso significa abrir caminhos para a participação nos conselhos e comissões, melhorar o diálogo e a partilha de informações entre diferentes línguas e culturas, e ampliar as oportunidades para que os católicos estrangeiros assumam papéis ativos na liturgia, na catequese, nos eventos e nos serviços da Igreja.

A convivência multicultural não é apenas uma questão de cuidado ou apoio. Trata-se de uma tarefa essencial e cheia de esperança para enriquecer a comunhão da Igreja, ampliar as possibilidades da missão e construir juntos o futuro da Diocese de Kyoto.

Conclusão

— A segunda etapa significa viver mais profundamente o verdadeiro sentido da Pastoral Missionária Colaborativa na realidade de hoje —

Diante de tudo isso, torna-se clara a direção da segunda etapa da Pastoral Missionária Colaborativa na Diocese de Kyoto.

Ela significa passar:

- de “uma Igreja que apenas preserva” para “uma Igreja que compartilha responsabilidades”;
- de “uma Igreja centrada na administração” para “uma Igreja centrada na missão”;
- e de “uma Igreja que apenas aceita participação” para “uma Igreja construída conjuntamente”.

Isso não significa acrescentar um novo ideal. Significa viver de maneira mais profunda e mais séria o verdadeiro sentido da Pastoral Missionária Colaborativa na realidade atual.

Portanto, o que hoje se pede à Diocese de Kyoto não é acrescentar um princípio novo após o outro, mas viver novamente, na realidade de 2026, os princípios que já nos foram confiados.

A Pastoral Missionária Colaborativa não é simplesmente um sistema iniciado há vinte e cinco anos. Ela é um contínuo caminho de conversão da Igreja.

Sob a guia do Espírito Santo, possamos continuar caminhando firmemente por este caminho rumo a uma Igreja cada vez mais sinodal na Diocese de Kyoto.

Fim.